

derno,—por outro lado ficamos comprehendendo porque é que, tanto quanto pude averiguar, os nomes modernos de que se trata apparecem unicamente na Galliza, no Entre-Douro-e-Minho e na parte da Beira (Sinfães) que confina com o Douro.

Já Isaac Voss, nas suas *Observationes ad Pomponium Melam* notou de passagem que o nome *Grovii* «remanet . . hodie in insula et promuntorio ad ostium Ullae fluminis sito, Grove enim vocatur»¹, ideia apresentada tambem por Cortés y López no seu *Dicc. geogr.-hist. de la España antigua*²; mas nenhum d'estes AA. levou mais longe a comparação, nem a estendeu, como fiz, por outras regiões da Galliza e pelo Norte de Portugal, mostrando que com o territorio attribuido pelos Gregos e Romanos aos *Grovii* coincide pouco mais ou menos, ainda agora, a área occupada pelos vocabulos topicos *Grovos*, *Gróvia* e congeneres, como se vê nos dois mappas que junto aquí (est. I e II).

Fica implicitamente, nas linhas precedentes, confirmado mais uma vez³ que *Gravii* é graphia erronea, e que a unica verdadeira é *Grovii*.

J. L. DE V.

Torre de Quintella

A 5 kilometros de Villa Real, ao sudoeste, na povoação de Quintella, ha uma antiga torre de que se encontram noticias no *Portugal antigo e moderno*, de Pinho Leal, copiadas em varios jornaes, com considerações, cujo valor historico não sabemos qual seja.

Ultimamente tivemos em nosso poder um tombo com os prazos, que eram muitos, dentro do districto e fóra d'elle, e obtivemos do nosso bom amigo, e photographo distincto, Antonio Lopes Martins, uma photographia da *torre*, a qual acompanha este artigo.

Em que epoca foi construida a torre?

A quem pertenceu antes do sec. XVII? Nada se depreheende do tombo.

Escrito numa calligraphia pouco facil de decifrar, diz-nos que aos 27 de Junho de 1695 houve uma reforma do tombo, em que figura como juiz do tombo o corregedor Dr. Gaspar de Macedo da Cunha, e, como escrivão do publico e honra de Ovelha, Manoel Cerqueira.

¹ Pomponii Mela *De situ orbis*, vol. II, Lugduni Batavorum 1748, p. 786.

² «del nombre *Gravios* se ha derivado el del promontorio y pueblo de Grove» (na Galliza). Vol. III, Madrid 1836, p. 23.—Este A. adopta a errada lição *Gravii*.

³ Cf. *Religiões da Lusitania*, II, 74, n. 4.

No tempo em que se fez a reforma do tombo estavam de posse dos foros pertencentes á torre Pedro Carvalho e sua mulher Francisca Correia da Mesquita, e anteriormente a elles D. Simão Correia e sua mulher D. Luisa Silva. No reinado de Filipe II os prazos da torre foram possuidos, depois de confiscados, por D. João de Portugal, bispo da Guarda.

Na reforma do tombo figura, como senhor do morgado, o conde do Vimioso D. Francisco de Portugal, sobrinho da condessa D. Maria Margarida de Castro e Albuquerque, sua tia tutora e administradora na sua menoridade.

No frontispicio do tombo encontra-se:

TONBO
DO MORGADO DA TORRE DE QVINTELA
SICTA NO TERMO DE V^A RIAL
DE QVE HE DIREITO SENHOR
O CONDE DO VIMIOSO
DON FRANCISCO DE PORTVGAL

Por baixo figura-se uma torre mal desenhada, com uma oliveira de grandeza mediana no telhado.

Inferiormente á figura leem-se dez versos, repartidos em dois grupos, de cinco cada um, postos em frente um do outro; dizem assim:

| | |
|---------------------------|---------------------------|
| Junto a Villa Rial | Dita torre de Quintella |
| Se vê hũa torre antiga | Inda hoje toda aquella |
| Q' contra gente inimiga: | vesinhança reconhece |
| Fez hũ Conde Portugal: | Dos foros o tombo hé este |
| Com mil foros para a qual | e desta maneira ella. |

O tombo, antes de identificar centenas de prazos, descreve a torre, uma capella que existia nesse tempo e junto da mesma um terreiro:

«Item hũa Thorre forte e bem obrada de cantaria a qual he quadrada e tem de nassente a poente nove varas e de norte a sul sete e meya. Item sincoenta e duas fiadas até onde tem-has ameyas e toda he em redondo de ameyas e tem nos coatro cantos cada hum sua Gurita e Varandas e tem mais a dita Thorre coatro Genellas cada hũa em sua fassse com barandas de pedra esta quadra pera fora, não se pode medir a altura-della por não ter sobrados nem se poder subir a hellla a vista por dentro mostrava ser antigamente de trez sobrados porquoanto tem Gatos de Pedra metidos na parede pera isso, tem mais



a dita Thorre quatro friestas por baixo das ditas genellas tem hũa porta de Arco ha entrada a quoaal antiguoamente tinha hũa escada de pedra por que se sobia e disse Pedro Carualho que quoaando comprara as propriedades desta quinta de quintella a Guaspar de Seixas de Afonseca ia hera desfeita a dita escada por Guaspar de Seixas ha desfazer eseaproueitar da dita pedra; esta Thorre he cabessa de morgado e como tal pertensse insolidum e he liure de Dom Francisco de Portugal pessuidor do dito morgado e dos mais que lhe succederem como vay declarado no auto de Reconhecimento atras E do mesmo modo he tão bem liure insolidũ do dito Conde a Capella da invocação de Santa Maria Magdallena que he a que sesegue. Item hũa capella de invocação de Santa Maria Magdallena que tem de comprido de nasente a poente cinco varas e de larguo de norte a sul coatro varas esta dita capella de dentro da dita quinta tem hũa sella para dentro para a parte do sul. Item um terreyro aporta da capella que fica entre a capella e thorre e tem de comprido de nassente a poente vinte e sinco varas e de larguo de norte a sul dose varas, parte do nascente com o caminho que vay para a freguezia (?) de Quintella e do poente com outro caminho e do sul com o portal antigo da mesma quinta».

A torre com os respectivos foros pertence actualmente a Joaquim Dinis da Costa, da Pena, concelho de Villa Real, que a comprou a José Guedes Pereira de Castro Alcoforado e sua mulher D. Margarida Candida Pereira de Magalhães, da freguesia de S. Miguel de Lobrigos.

Se não estão as suas paredes em perfeito estado de conservação, por apresentar a face voltada para o norte duas fendas que a cortam de alto a baixo, não ameaça ruina immediata, porque a solidez das paredes é grande, em razão da sua largura e da maneira como estão travadas umas com as outras as pedras.

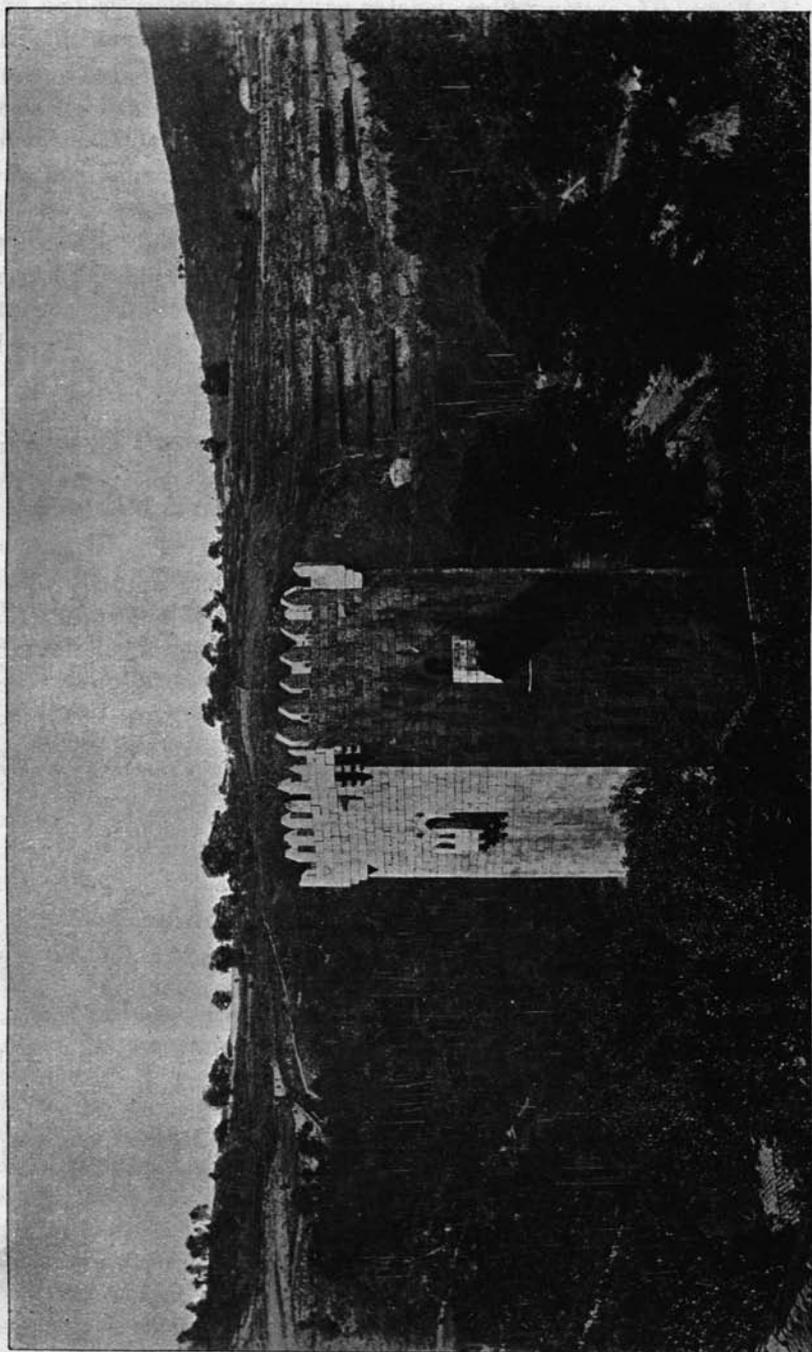
Nas vigias das quatro faces ha falta de ameias em alguns dos papeitos das mesmas, o que se vê bem na photographia.

O telhado é que está em muito mau estado, para o que não correu pouco a oliveira a que a cima vimos allude o desenho, a qual nasceu, cresceu e acabou ha poucos annos ainda, sustentando-se á custa d'elle.

A destruição d'este monumento archeologico, que a Camara Municipal de Villa Real devia comprar e tratar de conservar, esteve por pouco a ser levada a effeito ha dois annos.

O novo possuidor vendia por 100\$000 réis, a um pedreiro, a velha torre.

Este não realizou a compra, por ver grandes difficuldades no apeamento das pedras, sem grandes despesas, attendendo-se á altura d'ella,



Torre de Quintella (Villa Real de Trás-os-Montes)

que se pôde calcular sem erro notavel em 30 metros. Da capella descrita no tombo, com a invocação de Santa Maria Magdalena, nada existe já. Foi desfeita ha annos e arrematados os materiaes, uma tribuna de boa talha e os santos, por um proprietario de Villa Marim chamado Antonio Fructuoso Dias. Duas columnas de madeira muito bem douradas e ornamentadas foram compradas pelo meu amigo Serafim das Neves, muito distincto professor da Escola Industrial de Vianna do Castello, o qual com ellas foi aumentar a sua grande e valiosa collecção de antiguidades.

APPENDICE

Parrochia Sancte Marie de Feyra de Costanti

«Incipit Parrochia Sancta Maria de Feyra de Constanti

.....
 Donus Vivas tabelion de Panonijs, Juratus et interrogatus dixit...
 Et audivit dicere hominibus qui sciebant quod turris que stat in quintella Conpezada (?) et unam peciam de ipsis casis et de ipsa quintana contra fundum que stant in Regalengum. Et ita audivit quod canpum quod Jacet sub ipsa quintana quod fecit Regalengum Regis. Et modo habent totum istud Regalengum filij donni et nepoti Elvira Vallasquiz et Ordo hospital et non faciunt inde forum Regi».

[*Inquirições* que El-Rey dom Afonso, Conde de Bolonha mandou tirar em toda a terra dantre Cadavo e Ave e Barroso e Chamas, etc., na era de 1296, ff. 285 (?)].

HENRIQUE BOTELHO.

Regimentos das marcas da moeda nas cidades de Miranda e Lagos

Os documentos que publico adeante ficaram desconhecidos a Teixeira de Aragão, que nem sequer os cita no seu monumental trabalho sobre as moedas portuguesas.

Não são documentos de alta importancia os agora extrahidos de um codice do Archivo Nacional, mas sempre serão estimados pelos investigadores das duas cidades collocadas no extremo norte e no extremo sul de Portugal, por lhes offererem pequenas pedras para a edificação da historia regional, a unica que pode interessar os habitantes ruraes e os das pequenas povoações. Para os numismatas o valor, que estes documentos poderão ter, é mediocre, porque já d'elles tinham conhecimento em traços geraes nas leis; só o mecanismo do processo seguido na contra-marca lhes poderá prender um pouco a attenção.

PEDRO A. DE AZEVEDO.